

## IMAGINÁRIO E DESIGN:

símbolos e relações de pertencimento

**COLLARES, Lanna Veiras<sup>1</sup>; ALVES, Débora Almeida<sup>2</sup>**  
**ROSA, Guilherme da<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – Artes Visuais hab. Design Gráfico <sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, DAC. guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta como objeto a compreensão, pela via de alguns autores identificados com as teorias do imaginário, do papel dos símbolos no design gráfico associados à função de demarcadores de relações sociais de pertencimento. Este estudo motiva-se a contribuir com as pesquisas a propósito das relações entre imaginário e design, ao observar esta relação no consumo e reconhecimento na sociabilidade contemporânea. A justificativa deste trabalho se dá pelo anseio das pesquisadoras em estudar a função do design como comunicador social através das teorias do imaginário e também pelo ensejo de agregar aos estudos que envolvem o imaginário o papel dos símbolos na dinâmica da comunicação atual.

Assim, como recorte da pesquisa, pretende-se observar a emergência de um único símbolo: o bigode, ou, em inglês, *moustache*, frequentemente encontrado em canais de comunicação e redes sociais, especificamente em sites que tem como função principal a prática coletiva de dissipação de “tendências”<sup>1</sup> pelas culturas juvenis do contemporâneo, como *tumblr.com*, *ffffound.com* e *pinterest.com*. Este símbolo, o bigode, é um elemento do cotidiano, porém passa a ser utilizado como símbolo gráfico e está relacionado à dinâmica das relações de pertencimento entre aqueles que o interpretam, associam e o utilizam em peças gráficas, moda e objetos, como forma de uma mensagem a ser passada.

Esta pesquisa tem como referencial teórico alguns autores que tratam das questões do Imaginário, como Gilbert Durand, Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva. Como observa Silva,

Maffesoli trouxe a palavra imaginário para um campo semântico mais geral e compatível com os múltiplos sentidos atribuídos agora ao termo. O imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida (SILVA, 2006, p.10).

Como complementação dos estudos sobre o Imaginário, tem-se algumas ideias de Vilém Flusser (2007), devido ao foco de alguns de seus textos no design e na comunicação. A partir de seus textos é possível ver a importância que o filósofo dá aos profissionais da área de design, como responsáveis pela sustentação dos valores da humanidade no momento de pós-industrialização. O escritor também

---

<sup>1</sup> conjunto de características que podem ser entendidas como estéticas comuns entre diferentes objetos de consumo e que ocorrem com mais frequência na moda.

reforça o valor da intersubjetividade dos objetos gerando comunicação, o que o faz tornar-se essencial para este estudo. Como afirma Rafael Cardoso: “As implicações da concepção flusseriana são imensas. No que tange à comunicação no seu sentido lato, ela nos instiga a rejeitar uma separação dicotômica entre representação e referente, entre signo e coisa em si, entre teoria e prática das estruturas de linguagem” (In: FLUSSER, 2007, p.14).

E assim, buscando um entendimento sobre as teorias do imaginário, pretende-se alcançar a compreensão, a partir do design gráfico, de como os símbolos atuam na dinâmica simbólica das relações de pertencimento.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia desta pesquisa compreende a revisão das teorias do Imaginário, especialmente a partir do percurso teórico proposto por Michel Maffesoli e do paradigma metodológico da Sociologia Compreensiva. Segundo Silva:

(...) a sociologia compreensiva pretende ser um discurso “do” social. O pesquisador atua como o mediador que faz falar o social, mais do que como o cientista capaz de explicá-lo e curá-lo. A sociologia avançou do Iluminismo e da iluminação para a luz do dia. Ficou mais modesta, menos arrogante e mais clara. O pesquisador de imaginários banha-se principalmente nas águas dessa sociologia compreensiva e da fenomenologia. Quer sentir como o outro, viver como o pesquisado, pôr-se no lugar do outro, sem ser o outro, num vaivém que compreende e explica, interpreta e participa, vibra e distende, questiona e responde, observa e descreve, cobre e descobre, desvela, releva. Mostra (SILVA, 2006, p.80).

Esta metodologia será utilizada para observar a relação entre Imaginário e Design, e buscar compreender como os símbolos atuam nas relações de pertencimento. Por conseguinte, busca desvendar, como se dá a dinâmica do Imaginário através das noções de reservatório/motor (SILVA, 2006, p.12).

Após estes estudos será realizado um mapeamento da distribuição dos símbolos pesquisados, onde, quando e por quem foram adotados. Juntamente com entrevistas com consumidores dos três símbolos estudados será realizado um cruzamento entre os dados coletados e algumas questões teóricas do Imaginário.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo que com uma conotação de efemeridade, de acordo com Maffesoli, a questão das aparências pode ser observada com maior profundidade:

Devemos levar a sério as aparências. É uma relação recíproca, que também poderia ser chamada de ‘interacionismo simbólico’ [...] Simbólico é nascer reconhecendo o outro. A comunicação pós-moderna é o retorno do simbólico pré-moderno. Eu só existo através e sob o olhar do outro (MAFFESOLI, 2008, p.8).

Parte-se do pressuposto de que a sociedade se comunica através de símbolos. Mais

especificamente, os jovens contemporâneos usam do Imaginário atribuído a determinados símbolos para reger as relações sociais de pertencimento numa espécie de tribalização.

Cabe a este estudo buscar as relações estabelecidas entre o Imaginário deposto sobre o símbolo selecionado – o bigode – e entender o processo de significação deste, partindo de um processo de reinterpretação e trazido como peças de design gráfico em sites de prática coletiva de dissipação de tendências<sup>2</sup>, no design de moda e design de produto.

O presente estudo encontra-se em período de iniciação e faz parte de uma pesquisa que visa chegar a um maior aprofundamento teórico das teorias do imaginário, realizar entrevistas com usuários do símbolo elegido como objeto e é integrante de uma investigação para desenvolvimento de monografia para o curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas.

#### 4 CONCLUSÃO

Diante do apresentado, a pesquisa em fase inicial busca uma contemplação do papel do design como comunicador social. De acordo com Maffesoli: “Daí a importância da aparência. Não se trata de abordá-la aqui como tal, mas apenas de indicar, rapidamente, que ela é vetor de agregação. No sentido indicado, a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é também, um meio de reconhecer-se.” (MAFFESOLI 2006, p.134). Sendo assim, a presente pesquisa desenvolve um estudo sobre como os símbolos podem influenciar nas relações de pertencimento na cultura jovem.

#### 5 REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: Introdução à Sociologia Compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

---

<sup>2</sup> ambientes virtuais de compartilhamento de imagens que fornecem referências gráficas para a criação de novas imagens. Estas assumem a mesma função das anteriores em um fenômeno cíclico. Uma importante consequência desse fenômeno é a geração de tendências, uma vez que um único aspecto gráfico é referenciado em uma série de novas produções.